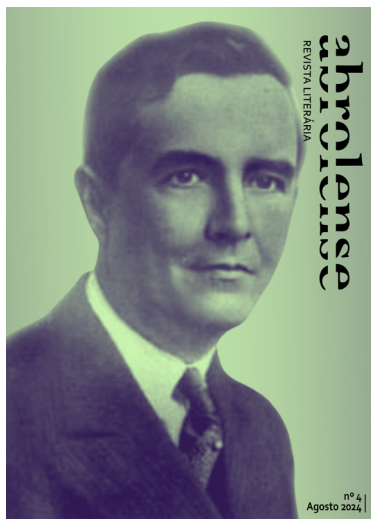




AbroJense

REVISTA LITERÁRIA

nº 4 |
Agosto 2024



ACADEMIA BRASILEIRA ROTÁRIA DE LETRAS, SEÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Praça da República, nº 7

Centro – Niterói – RJ

CEP 24020-099

site: abrolrj.org.br

e-mail: abrolrj@yahoo.com

DATA DA FUNDAÇÃO DA ABROL RJ

16 de junho de 2020

DIRETORIA 2022-2024

Presidente

Matilde Carone Slaibi Conti

Vice-Presidente

Themístocles Américo Caldas Pinho

Secretário

Justiniano Conhasca

2ª Secretária

Ângela Cristina Ferreira de Siqueira

Tesoureiro

Marcelo Les Campos

2º Tesoureiro

Miguel Mendonça Pinheiro

Diretora de Acervo Documental

Daniella Vita Carbutti Gomes

Nº 4 – Agosto 2024

ABROLENSE é uma publicação da Academia Brasileira Rotária de Letras, Seção do Estado do Rio de Janeiro. A revista não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

DIRETORA DE REDAÇÃO

Matilde Carone Slaibi Conti

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Matilde Carone Slaibi Conti
Waldenir de Bragança

REVISÃO

Christiane Braga Victer

PROJETO GRÁFICO / ARTE

Cleide Villela Abib

CAPA

Cleide Villela Abib

FOTO DA CAPA

Levi Fernandes Carneiro

CRÉDITOS EDITORIAIS

Christiane Braga Victer
Cleide Villela Abib



A Revista ABROLENSE está disponível no site www.abrolrj.org.br

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da ABROLRJ, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição. Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada.

5 EDITORIAL

PERSONALIDADE ROTÁRIA

7 Levi Fernandes Carneiro

ABROL

10 Encontro da ABROL Estado do Rio na Conferência da Esperança

ENTREVISTA

12 Odilza Vital Fill

MOMENTO LITERÁRIO

16 Literatura Infantil, um gênero polêmico

18 47º INSTITUTO ROTARY DO BRASIL

ABROLRJ

20 Perfil - Licia Lucas

21 Perfil - Marcelo Les Campos

22 Perfil - Marne Serrano

MEMÓRIAS E CULTURAS

23 Academias de Letras, guardiãs da memória de um povo

26 Carlos Drummond de Andrade, testemunho da experiência humana

28 Liberdade

30 Nova Friburgo, berço da imigração alemã no Brasil

33 Ponte Rio-Niterói, há 50 anos conectando histórias

BICO DE PENA

36 A Unidade da Língua Portuguesa

ESTRO

38 Poesia - Quebra-Cabeça

39 Soneto - Quando Virá a Paz?

40 Resenha - Mulheres Extraordinárias e A Lei das Sete Partidas

40 Resenha - Os Crimes de Nova Esperança

40 Resenha - Trajetórias – Memórias de uma Vida

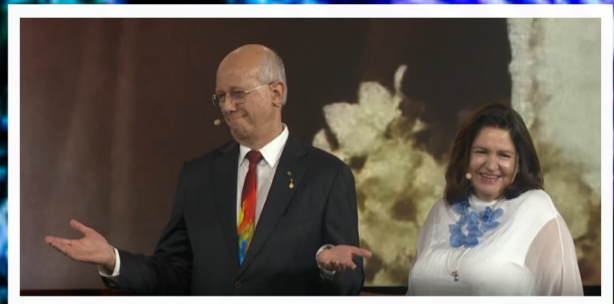
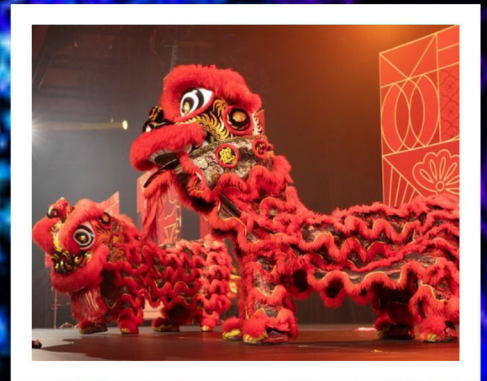
41 NOMINATA



SINGAPORE
2024



COMPARTILHE ESPERANÇA COM O MUNDO



SINGAPURA | 25-29 DE MAIO DE 2024



Matilde Carone Slaibi Conti
Presidente da ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Niterói

Caro leitor

A Ética continua a ser um tema recorrente. Denúncias de condutas antiéticas se multiplicam e intensifica-se a intolerância da sociedade em relação a tais práticas.

O estudo da Ética torna-se cada dia mais imprescindível e nunca se mostrou tão urgente a reflexão e a vivência dessa prática no mundo como agora. Uma ética em frangalhos desalenta boa parte da lucidez pátria.

Os jovens precisam de esperança e acreditar que a virtude ainda é a alternativa à barbárie. Devemos disseminar bons propósitos e estimular a conduta do bem, pois essas posturas são capazes de transformar o mundo.

É importante reagir e ter a coragem de reafirmar antigos valores que parecem estar sendo desprezados. O resgate das relações com o próximo e consigo mesmo, o contato com a natureza religando-se com a divindade são as esferas propiciadoras do equilíbrio individual.

Sem estes fatores não haverá sentido em pregar ou vivenciar uma Ética saudável e conducente ao patamar possível da felicidade humana.

Apesar do péssimo estado de tanta coisa, resultado da insensibilidade, da desfaçatez, do desrespeito e da hipocrisia, devemos continuar otimistas, propiciar a reflexão das pessoas bem-intencionadas, da crítica, das propostas, fazendo-nos acreditar que a Ética ainda merece um lugar na consciência dos que não perderam a crença na humanidade.

Por acreditar neste sonho e por encontrar quem dele compartilhe, animo-me a esta despreziosa reflexão, a escrever esse editorial sobre a Ética, pois este é um princípio que não pode ter fim, acreditando, como José Saramago ensinou, não existir verdadeiro progresso se não sobrevier o progresso moral, pois a crise da humanidade é uma crise de ordem moral.

**END
POLIO
NOW**



**CONTAGEM REGRESSIVA
PARA ENTRAR PARA
A HISTÓRIA**

Rotary



LEVI FERNANDES CARNEIRO

Patrono da Cadeira nº 12 da ABROL - Estado do Rio

Advogado, jornalista, professor, escritor, parlamentar, o rotariano Levi Fernandes Carneiro – que integrou o Rotary Club do Rio de Janeiro – influenciou, com sua vida e meritórios serviços, outras vidas e instituições.

Nasceu em Niterói / RJ, próximo ao Largo do Marrão, Santa Rosa, em 8 de agosto de 1882, filho de Francisco Fernandes Carneiro e D. Maria Josefina de Souza Carneiro; completou os estudos primários e secundários em sua terra natal.

Presidiu a Federação dos Estudantes Brasileiros. Dirigiu a *Revista Jurídica*, periódico dos estudantes. Em 1898, ainda acadêmico, ingressou no serviço público como praticante da Contadoria da Marinha. Em 1903, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro / RJ, colou grau de bacharel.

Fundador, em 1911, da Associação Comercial de Niterói, foi seu primeiro advogado. Secretariou, em 1914, a delegação brasileira à Conferência Internacional de Jurisconsultos. Em 1928, representou o Estado do Rio de Janeiro no Congresso Nacional de Ensino Superior. Presidiu o Instituto dos Advogados Brasileiros de 1929 a 1931. Foi Membro Honorário dos Institutos dos Advogados de São Paulo, Bahia, Paraná, Sergipe.

Foi um dos fundadores da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) – sua carteira foi a nº 1 – e seu primeiro presidente (biênio 1932-33): “A Ordem dos Advogados é uma imposição dos nossos dias, dos nossos ideais, do nosso patrimônio. É órgão de seleção e disciplina, de cultura e de aperfeiçoamento moral”.

De 1930 a 1932, atuou como consultor geral da República. Eleito deputado à Constituinte Nacional de 1934 pelo Estado do Rio de Janeiro, obteve reeleição na legislatura seguinte, interrompida pelo golpe do Estado Novo em 1937, ano em que representou o Brasil no Congresso Internacional da Infância, realizado em Roma (Itália). De 1938 a 1940, exerceu interinamente o cargo de professor de Direito Comercial na Faculdade Nacional de Direito. Assumiu, em 1947, o cargo de consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Em 1951, passou a integrar a Corte Internacional de Justiça em Haia (Holanda), na qualidade de juiz efetivo.



Waldenir de Bragança

Presidente de Honra da Academia Brasileira Rotária de Letras
Presidente 2015-2020, Secretário 2010-2015
Presidente Perpétuo da ABROL-Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Niterói-Norte

Presidiu o Instituto de Proteção e Assistência à Infância de Niterói, o Instituto Brasil-Estados Unidos, o Instituto Cultural Brasil-Uruguai e o Instituto Brasil-Polônia. Membro da Comissão Permanente de Codificação do Direito Internacional Público e da Comissão de Conciliação com os Estados Unidos. Diretor e Vice-Presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica do Rio de Janeiro. Delegado Escolar em Niterói. Membro do Congresso Nacional de História da América (1914), do Congresso Internacional de História da



América (1922).

Presidiu a Academia Brasileira de Letras, onde ocupava a cadeira 27, patronímica de Maciel Monteiro; integrou a Associação Brasileira de Educação, a Sociedade Brasileira de Direito Internacional, a Academia de Ciências de Lisboa (Portugal), a Academia de Letras do Uruguai, a Sociedade Argentina de Criminologia, a Academia de Ciências Políticas de Nova Iorque (USA), a Sociedade de Direito Comparado de Paris (França), o Pen Clube do Brasil, o Colégio dos Advogados de Lima (Peru), o Ateneo Ibero-Americano de Buenos Aires (Argentina). Titular da Academia Fluminense de Letras, do Instituto de Estudos Brasileiros, do Instituto Brasileiro de Cultura, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Prêmio Machado Portella – medalha de ouro da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro; Prêmio Teixeira de Freitas – medalha de bronze pelo Instituto dos Advogados Brasileiros.

Levi Fernandes Carneiro - Fundador e 1º Presidente do Conselho Federal da OAB (quadro OAB Niterói)

Exerceu o cargo de Provedor da Irmandade São Vicente, mantenedora do Asilo de Santa Leopoldina, e de Mordomo do Contencioso da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Era casado com D. Noeme de Mello Carneiro.

Levi Carneiro brilhou, também, no Magistério; lecionou na Faculdade de Direito da UFF, de Niterói.

Obras publicadas (jurídicas e literárias): *A nova legislação da infância; Federalismo e judiciarismo;*

Associados do Rotary Club do Rio de Janeiro, Brasil, em setembro de 1924

Fonte: rotary.org





“Ninguém ama verdadeiramente senão aquilo em que de certa forma se reconhece.”

Busto de Levi Carneiro na OAB Niterói

Conferências sobre a Constituição; O livro de um advogado; Levi Carneiro na Academia; O Direito internacional e a democracia; Pareceres do consultor geral da República; Discursos e conferências; Dois arautos da democracia: Rui Barbosa e Joaquim Nabuco; Uma experiência de parlamentarismo; Em defesa de Rui Barbosa; Pareceres do consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Foi diretor da Revista Brasileira, publicada pela ABL.

Saudando-o por ocasião de sua posse na Academia Brasileira de Letras, Alcântara Machado ressaltou o amor de Levi Carneiro pela carreira que tanto abrilhantou:

Galgastes dessa forma, em diuturna e áspera escalada, as culminâncias da carreira que singularmente enobreceis e prezais. Dissestes de público os motivos por que lhe bem-queréis, com ternuras de filho e extremos de namorado, “na sua beleza, na sua força, nas suas aflições; no que comporta de lealdade, abnegação, desinteresse; no que proporciona de independência, no que ensina de tolerância.” Ninguém ama verdadeiramente senão aquilo em que de certa forma se reconhece. Tudo quanto a advocacia proporciona, exige, comporta e ensina, tudo corresponde aos instintos profundos e às tendências dominantes de vossa personalidade: temperamento combativo e apaixonado; vontade ciumenta de própria autonomia; caráter feito do mais indúctil dos metais preciosos.

Levi Carneiro faleceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 5 de setembro de 1971. Em Niterói deu nome à Escola Municipal Levi Carneiro; a OAB-Niterói ergueu busto em sua homenagem.

Foi homenageado como Patrono da Cadeira nº 16 da Academia Brasileira Rotária de Letras, da Cadeira nº 12 da ABROL-Estado do Rio e da Cadeira nº 42 da Academia Niteroiense de Letras, que tenho a honra de ocupar.

Referências:

CARNEIRO, Levi. *Levi Carneiro na Academia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1943.

PEIXOTO, Afrânio. *Brasil e Brasileiros de Hoje*, Enciclopédia de Biografias. Rio de Janeiro: Foto Service, 1961.

PIMENTEL, Luís Antônio. *Eles Nasceram em Niterói*. Niterói: INDC / Instituto Niteroiense de Desenvolvimento Cultural, 1974. Sítio da Academia Brasileira de Letras.

O *FLUMINENSE*, edição de 09/09/1971.

O *GLOBO*, edição de 06/09/1971.

A *TRIBUNA DE NITERÓI*.



ENCONTRO DA ABROL ESTADO DO RIO NA CONFERÊNCIA DA ESPERANÇA

A ABROL - Estado do Rio promoveu Encontro Acadêmico no dia 3 de maio, dentro da Conferência do Distrito 4751 – a Conferência da Esperança – que aconteceu em Raposo / RJ, sob a liderança do Governador Ricardo Fonseca de Pinho, também integrante da instituição.

Na ocasião, a Presidente Matilde Conti proferiu palestra sobre “A Importância das Academias Rotárias de Letras”, na qual falou sobre a valorização da Língua Portuguesa e a relevância das Academias Rotárias de Letras como instrumentos de preservação da história de Rotary no Brasil. Ressaltou, ainda, sua satisfação em constatar que o Distrito 4751 possui duas seccionais da ABROL: a do Estado do Rio de Janeiro e a do Estado do Espírito Santo.

Dentro da programação, aconteceram, ainda, lançamentos de livros de dois Acadêmicos:

- *Trajetórias – Memórias de uma Vida*, do Acadêmico Roberto Carlos Monteiro

- *Os Crimes de Nova Esperança*, do Acadêmico Ricardo Fonseca de Pinho

Agradecendo a presença de todos, a Presidente Matilde Conti encerrou o encontro com o convite para a solenidade anual da ABROL Estado do Rio a realizar-se em agosto de 2024.



V Conferência Distrital 2023-24

Fonte: Facebook Focus Portal Cultural
Fotos: Matilde Slaibi Conti e Cidinha Amim





ODILZA VITAL FILL

rotariana de sucesso internacional

Alberto Araújo

Odilza Greenhald de Paula Barreto de Oliveira Coelho dos Santos Vital nasceu no Rio de Janeiro. É graduada em Medicina pela UFF; pós-graduada em Endocrinologia pela PUC e pelo Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione – onde trabalhou como médica concursada por 10 anos; pós-graduada pela Sociedade Internacional de Medicina Estética; especialista pela Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e pelo curso de Geriatria e Gerontologia pela UFF – onde atua como professora convidada. Estudou no Rush Presbyterian Medical Center, licenciando-se para exercer a Medicina nos Estados Unidos. Foi consultora da Continental Beverage, Nova York. Primeira palestrante de Harmonização Hormonal na Academia Americana de Medicina Antienvhecimento, ministrou na China sobre Prevenção Primária do Câncer de Mama, área em que trabalha há mais de 30 anos. É sócia da Vital Health Products INC e da Vital Import Export Corporation, Nova York. Titular da Cadeira nº 5 da ABROL-Estado do Rio, é associada do Rotary Club de Niterói e integrante de instituições como: Elos Clube de Niterói; North American Menopause Society; American Academy of Anti-Aging Medicine (A4M); American College for Advancement in Medicine; New York Academy of Science; Associação Médica Brasileira; Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabolismo; Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia; Endocrine Society; American Diabetes Association; American Association of Clinical Endocrinologists; Associação Brasileira de Medicina Estética; Sociedade Internacional de Medicina Estética; Sociedad Española de Medicina Antienvhecimento y Longevidad; Associação Brasileira de Nutrição; entre outras.

Como é ser uma carioca de renome internacional, que há muitos anos têm feito trabalhos importantes na Medicina? Fale-nos um pouco de sua trajetória.

Pelo meu currículo você observa que tive excelentes oportunidades e as aproveitei. Gosto muito de ler e estudar, o que para mim é um hobby. Tem sido uma honra muito grande representar o nosso país pelo mundo afora.

Na ABROL-Estado do Rio, a senhora é titular da Cadeira nº 5, patronímica de Chesley Reynolds Perry; como se sente ao representar um dos fundadores do Rotary Internacional?





Odilza Vital exhibe o seu Diploma de Medicina Capilar, *Advanced Clinical Reasoning in Medical Trichology*, ao lado do filho Márcio, 2024.

Foto: arquivo pessoal

Rotary é uma potência, prestando serviços diversos em muitos países ao redor do mundo. Representar Mr. Perry é o meu maior orgulho, pois foi uma criatura decisiva na criação do Rotary Internacional.

O objetivo do Rotary Internacional é a união de voluntários a fim de prestar serviços humanitários e promover valores éticos e a paz a nível internacional. Na conjuntura social, é satisfatório fazer parte dessa importante instituição?

Claro que sim, você veja, até pela profissão que eu escolhi: a Medicina. Ajudar ao próximo, sem olhar a quem, tem sido o lema da minha vida. Dediquei-me trinta anos no atendimento governamental para retribuir ao povo e ao meu país a faculdade gratuita na qual tive oportunidade de estudar, roubando tempo do consultório que me renderia muito mais, aliás, um dos melhores cursos de Medicina do mundo na época.

Como rotariana há muitos anos, recorda algum momento em que sentiu especial emoção na realização de projetos sociais?

Quando presidente do RC Niterói-Leste, distribuíamos cadeiras de rodas adaptadas aos

deficientes físicos, principalmente, crianças e adolescentes com lesões neurológicas bastante severas. Ver a alegria daquelas mães com as cadeiras adaptadas às necessidades de seus filhos me levou às lágrimas.

A senhora é detentora da Medalha Tiradentes, a mais alta honraria da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, pelos relevantes serviços prestados na Medicina. Mais alguma condecoração importante?

Sim, sou Benfeitora da Fundação Rotária e Companheira Paul Harris com duas Safiras.

A senhora participou recentemente do Congresso da Academia Americana de Medicina Antienvhecimento, nos Estados Unidos. Como foi seu encontro com o fundador da Medicina Integrativa e Funcional, Dr. Robert Goldman?

Dr. Robert Goldman é um velho conhecido. A primeira vez que nos encontramos foi em uma conferência em 1995, em Las Vegas, em um resort modesto; debaixo de uma lona azul, pois não havia sala de conferência, me deparei com a concretização da minha expectativa e prática da medicina: a Medicina Preventiva!

Congresso da Academia Americana de Medicina Antienvhecimento, com um dos fundadores, Dr. Robert Goldman, 30 de maio de 2023.

Foto: arquivo pessoal





Congresso Internacional de Endocrinologia e Metabologia - Dubai, 2024.

Foto: arquivo pessoal

a tricologia capilar, exame magnificado do couro cabeludo, o exame de imagem, por intermédio da análise posso adiantar se alguém tem tendência à doença autoimune. Somos um único corpo, mas a tendência moderna é de fracionar o mesmo. Acho que todo médico tem que ser um bom clínico e a partir daí seguir sua especialidade sem se esquecer do resto.

Autora de duas importantes obras (Edições Loyola), além de diversos artigos, diga-nos, quais jornais e revistas têm textos seus publicados?

No momento, não tenho como enumerar todos, mas para citar alguns: *O Globo*; *Jornal do Brasil*; *O Dia*; *O Fluminense*; *Estado de São Paulo*; *A Gazeta Paulista*; a revista *Visão*, em Portugal; o jornal *Luso-Americano* nos Estados Unidos. Também fui colunista em matéria de saúde do *Comunidade News*, também dos Estados Unidos, além das revistas médicas brasileiras e do *SEMAL*, da Espanha e do compêndio da *XII A4M Conference*.

Falando de Literatura, gostaria de saber quais são os seus autores preferidos?

Não tenho autor preferido, tenho obras preferidas, como: *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; os versos clássicos de Olavo Bilac. Como vê, sou eclética.

Gostaríamos de saber de seu convívio com os colegas de trabalho, como também os companheiros rotarianos?

Estou sempre disposta a ajudar. No momento, levando um projeto do meu Club, da Padaria Artesanal para os Estados Unidos; já trouxe na mala de Nova York flâmulas do nosso Club, para reforçar a gestão da presidente na época.

Qual o projeto que considera a conquista mais significativa na sua carreira até agora?

A minha última aquisição: Medicina Capilar,

Sobre Medicina Antienvhecimento, que oferece alternativas para um dia a dia estressante, vida sedentária e alimentação *fastfood*, visando a um "envelhecimento saudável", dê-nos algumas dicas.

Sintetizando: cabeça boa, atividade física, comer o que se planta, caça e pesca e continuar aprendendo sempre. E muito importante: ter Deus como seu Escudo!

Como é o trabalho que a doutora vem desenvolvendo sobre a saúde da mulher, em especial com relação à reposição hormonal?

Fui o primeiro médico a me debater no uso de hormônios biodênticos e prescrever

Lançamento da 4ª edição do livro Emagreça para sempre com saúde, na Joalheria da Carmen Nazar, 2012.

Foto: Focus Portal Cultural





testosterona também. Fui o primeiro médico a fazer Harmonização Hormonal, que é colocar todos os hormônios em equilíbrio. Com isto, podemos levar uma vida mais saudável, longa e produtiva.

Seu livro *Emagreça para sempre com saúde*, prefaciado pelo Dr. Robert Atkins, chegou a ser tema de entrevista no saudoso “Programa do Jô”. Pode nos passar algumas dicas contidas nele?

Já temos a 5ª edição em português, que está se esgotando, além das versões em espanhol e em inglês (esgotada). Algumas dicas seriam: cortar carboidratos, fazer atividade física e ênfase na hora da refeição. Comer com regras de etiqueta facilita muito emagrecer e se transformar de *gourmand* para *gourmet*.

A sra. foi uma das primeiras a falar sobre antienvhecimento e longevidade no país. Como chegou até aqui? O que há de novo com a Medicina Antienvhecimento, Integrativa e Funcional?

O termo **antiaging**, que é o antienvhecimento em inglês, já era corriqueiro nos Estados Unidos, onde eu morava na época e se consolidou com a A4M. Temos muitas coisas novas, estamos nos exossomas e nas frações do DNA.

Sobre o Congresso Internacional de Endocrinologia de 2024, em Dubai, o que tem a nos dizer?

Eu faço uma medicina integrativa,

Odilza Vital, presidente da Casa da Amizade de Niterói, homenageia a primeira-dama do município e presidente do movimento Niterói Mais Humana, Fernanda Sixel, no Dia Internacional da Mulher, 2014.

Foto: Bruno Eduardo Alves.

preventiva e personalizada, mas preciso escutar também o que o pessoal da medicina tradicional tem a dizer. Foi muito proveitoso conhecer Dubai, antes da enchente, acrescentar alguns detalhes na minha prática clínica.

Seu livro *De mulheres para mulheres, mas que todo homem deve ler* (Edições Loyola), escrito com Beatriz Thielmann, abordando variados assuntos relacionados à saúde da mulher, fala de Epigenética; o que significa essa ciência?

Você veja que o livro foi publicado há 30 anos e agora é que as pessoas estão falando neste termo, o qual nada mais é do que o que fazemos no nosso cotidiano, que interfere na expressão de um gene, podendo exacerbar e desencadear uma doença ou silenciar livrando de uma doença genética.

Fale-nos sobre a palestra “Prevenção do Envelhecimento Celular”, que a sra. proferiu recentemente na Sociedade Fluminense de Fotografia, a convite da presidente da Associação Niteroiense de Escritores, Leda Mendes Jorge.

Foi um momento muito agradável, em que pude passar para uma audiência atenta parte do que se deve ou não praticar para evitar o aceleração do envelhecimento celular e, portanto, de doenças relacionadas ao mesmo.

Quem é a profissional Odilza Vital Fill?

Uma médica estudiosa e que se dedica de corpo e alma aos seus pacientes.



Alberto Araújo
Instituto Interamericano de Fomento à Educação, Cultura e Ciência



LITERATURA INFANTIL

um gênero polêmico

Difícil definir literatura infantil quando surge a pergunta – arte literária ou pedagógica? Dificuldade também de definição, devido à amplitude de seus objetivos: proporcionar entretenimento às crianças; ser instrumento de transmissão de valores de uma geração a outra; veicular conteúdos doutrinários e moralizantes; atuar com finalidade pedagógica e atender às necessidades psicológicas e desejos fantasistas da criança, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade.

Diante desse contexto Nelly Novaes dá a seguinte definição: “Como objeto que provoca emoções; dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é Arte. Por outro lado, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se insere na área da Pedagogia”.

E Cecília Meireles diz que a literatura infantil deve ser uma “nutrição”, alimento necessário e prazeroso: “É uma especialização literária visando, particularmente, aos pequenos leitores, mas devendo usufruir de todos os privilégios e caracteres inerentes a uma verdadeira obra de arte literária”.

É preciso, então, rever a origem da literatura infantil, de onde emerge a ambivalência que resulta da indissociabilidade que existe entre o anseio artístico e o educativo, incorporados às raízes da literatura infantil.

Na Idade Média, séculos IX e X, difunde-se no ocidente europeu uma literatura oral, popular, denominada literatura primordial, que viria a desembocar na literatura popular, folclórica. Do seu registro escrito, por via culta, surgiu a literatura infantil, considerada clássica ou tradicional. Nos séculos XVII, XVIII e XIX escritores como Charles Perrault, Mme. D’Aulnoy, os irmãos Grimm, Andersen e outros celebrizaram essas narrativas, criando novas versões e ou adaptando-as ao universo infantil. Vemos assim que, desde os primórdios, o caráter pragmático e o estético da literatura frequentemente se mesclaram.

Os primeiros livros destinados às crianças foram produzidos no final do século XVII e início do séc. XVIII, pois antes não havia distinção entre crianças e adultos. Ambos participavam dos mesmos eventos sociais, etc. Com a ascensão da ideologia burguesa, mudaram-se valores e a criança passou a ser considerada pelas ciências psicológica, sociológica e educacional como um ser diferente do adulto. Por isso os primeiros textos infantis tinham acentuado intuito educativo.

Daí resulta a dicotomia na finalidade da literatura infantil: pragmática/didática e lúdica/artística, ou três aspectos básicos que podemos enumerar: o moral, o instrutivo e o recreativo. É possível perceber que esses caracteres não surgiram isolados, pois a literatura em seu sentido mais amplo é a arte de usar a palavra, que antes de ser escrita se firmou na oralidade.



Márcia Pessanha
Presidente da Academia Fluminense de Letras

A literatura primitiva oral teve a priori um caráter utilitário, pois valendo-se da palavra como instrumento mágico, o homem primitivo servia-se dela em seus rituais de súplicas ou louvores à natureza. A seguir, acrescentou-lhe o valor estético. Se pedir, ordenar, suplicar e louvar eram essenciais para o bem-estar e a sobrevivência do homem primitivo, saber fazê-lo bem ampliaria o campo dos benefícios.

Outro fator que contribui para discutir o assunto em pauta também depende da visão e da intenção do autor. Isto porque, em geral, na literatura infantil dita mais tradicional, é o adulto que escreve para o público

infantil, ocorrendo uma assimetria da comunicação, um olhar vertical, hierárquico.

Por isso, o professor e escritor Rubem Alves, mais ligado ao contexto atual, em seu livro *Do Universo à Jaboticaba*, tem uma citação que podemos aplicá-la, referindo-se à assimetria da comunicação na literatura infantil: "São muitos os estudos da psicologia das crianças. Estudamos as crianças para ensiná-las a maneira adulta de ser. Não conheço estudos que tenham por objetivo o contrário: ensinar aos adultos a maneira de voltar a ser criança".

Mudam-se os tempos e hoje já temos também autores infantis que quebram a assimetria hierárquica, escrevem do seu espaço/tempo da infância, expressando seus sentimentos, seus sonhos, com sua própria linguagem. E há, também, na atualidade, autores adultos que, seguindo o pensamento de Rubem Alves, voltam a ser crianças na escrita de suas narrativas. Neste sentido vale citar o livro de Beatriz Chacon *Uma história barriguda*, em que a autora se nivela às crianças: "Quando os três estão juntos, não se vê mesmo nenhuma diferença. Eles brincam de pique-esconde, fazem um barulhão danado, sobem e descem escadas, mexem com adultos, bichos, crianças e com a vizinhança toda... É que são amigos há muito tempo, têm muitos anos de quintal, contados no coração".

O livro de Beatriz serve para nos mostrar também o conhecimento do real, através do sensível e do vivido no cotidiano das personagens: o quintal, os animais domésticos... A presença do menino observador na janela, que "afasta a cortina e faz do canto da janela seu posto de observação" e passa as observações para o adulto que escreve a história. História barriguda, uma narrativa grávida de palavras...

E como já foi dito que o campo da literatura infantil é muito vasto e florido, saindo do quintal da história barriguda, vamos visitar o espaço mágico dos tradicionais contos de fadas que povoaram nossa infância. O conto de fadas insere-se na área do maravilhoso tradicional. Apareceu, possivelmente, como herança céltica, nas novelas de cavalaria, onde as fadas teriam surgido como personagens, representando forças psíquicas ou metafísicas, mas com o passar dos tempos se popularizaram e perderam um pouco de sua expressão simbólica e de seu possível caráter esotérico, conservando apenas sua prerrogativa mais evidente – seu poder de encantar.

É importante ressaltar que o contexto maravilhoso da ficção infantil nos conduz ao encontro de símbolos, de elementos mágicos, de rituais cosmogônicos e de reminiscências míticas. E Mircea Eliade destaca a importância da literatura infantil nos domínios da arte literária e da cultura de um povo, pois repete o enredo iniciatório exemplar, em que o herói tem que passar por desafios, enfrentar monstros, dragões etc. para atingir um final feliz.

É nessa atmosfera mágica que entramos no universo da literatura infantil clássica, que Todorov classifica em *Estruturas da Narrativa* como "fantástico maravilhoso", onde tudo pode acontecer, desde animais e plantas que falam até acontecimentos sobrenaturais, assim como a fala do poeta à fada Oriana, no conto de Sophia de Mello Breyner Andresen, *A fada Oriana*: "A lua cheia iluminava os montes e os campos. Quando chegaram à floresta, o Poeta pediu: – Oriana, encanta tudo. E Oriana levantou sua varinha de condão e tudo ficou encantado". E que esse encantamento nos envolva na leitura de bons textos literários.

E podemos concluir dizendo que a dimensão poética dos heróis infantis fornece à criança horizontes mais férteis para sua imaginação e seu universo de descobertas. Aos adultos propicia um retorno às origens e nesse reviver resgata-se o perdido e recupera-se a esperança.



Rotary



**47º Instituto
Rotary
do Brasil**

AGERSON TABOSA PINTO

FORTALEZA CE

29 AGO a 01 SET 2024

25/08

- GETS 2025-26
- Treinamento dos RDRS 2025-26
- Jantar de confraternização (Náutico Atlético Cearense)

26/08

- GETS 2025-26
- GITS 2026-27
- Treinamento dos RDRS 2025-26
- Jantar de confraternização (Náutico Atlético Cearense))

27/08

- Reunião dos governadores 2024-25
 - GETS 2025-26
 - GITS 2026-27
- Treinamento dos RDRS 2025-26
- Jantar de confraternização (Náutico Atlético Cearense)

28/08

- Reunião dos governadores 2024-25
 - GETS 2025-26
 - GITS 2026-27
- Treinamento dos RDRS 2025-26
- Jantar de encerramento (Hard Rock Café)

- Feira de projetos

- Encontro Latino americano do Cadre

29/08

19:30 Solenidade de Abertura do 47º Instituto Rotary do Brasil - Governador Agerson Tabosa Pinto

- Vídeo instituto
- Entrada das bandeiras
- Formação da mesa
- Hinos nacionais
- Cerimônia do sino
- Vídeo do patrono do instituto Gov, Agerson Tabosa Pinto
- Homenagem ao patrono do Instituto Governador Agerson Tabosa Pinto
- Palavra da Governadora Maria Vital da Rocha
- Homenagem aos falecidos do Colégio de Governadores Brasileiro
- Palavra do Governador do Distrito 4490 Carlos Augusto Oliveira
- Palavra do Chairmann do 47º Instituto Rotary do Brasil Governador Dejarino Santos Filho
 - Palavra do Diretor de RI Henrique Vasconcelos
- Palavra da Presidente de RI Stephanie Urchick

- Encerramento e avisos finais

Festiva de Abertura

- Exibição do Video Instituto
- Apresentação do músico Henrique Ventura
- Show Marcos Lessa
- Coquetel

30/08

Manhã (08:30 às 13:00)

- Vídeo do Instituto
- Premiação ABTRF, Fundação Rotária e Pólio
- Presidente do CADRE Latino Americano Viviana Santa Cruz: Sua chave para projetos que transformam vidas
- Curador Carlos Sandoval: Fundo de dotação
- Jessica Machado e Bruna Moreira: A transição do Rotaract para o Rotary
- Ex Diretor Alberto Cecchini: O papel da comunicação no Rotaryl
- Homenagem Raimundo Oliveira Filho
- Patrick Nunes: As narrativas que nos definem
- Diretor de RI Raju Subramanian: A magia do Rotary
- Representante da Fundação Rotária e Curador Dennis Shore: A magia da Fundação Rotaria
- Homenagem aos 05 Governadores e Coordenador Paulo Fonseca: Desastre de Grande Magnitude no Rio Grande do Sul
- Presidente da Revista Rotary Brasil Ricardo Teixeira: 100 anos da Rotary Brasil
- Presidente da ABTRF Adriano Valente ABTRF: Uma grande oportunidade
- Palavra da Presidente Stephanie Urchicks
- Lançamento do 48º Instituto Rotary do Brasil em Maringá
- Encerramento e avisos finais
- Video do Instituto

Tarde (14 às 16:30 horas)

Almoço Major donor (restaurante Vasto)

Compre seu ingresso online através do link: <https://shre.ink/majordonor>

Noite

- Jantar do reencontro das classes de governadores

31/08

Manhã (8:30 às 13:00 Horas)

- Video Instituto
- Premiação Rotary e Imagem Pública
- Hepatite Zero
- Ex Diretores de RI: Pergunte ao Colégio de Ex Diretores do RI
- Gerente Geral e Chefe de Tecnologia de informação de RI Paul Haisman: Panorama da estratégia de TI e tecnologia do Rotary International
- Ex Diretor Drew Kessler: O Rotary em números
- Homenagem a Alceu Vezzozo
- Secretário Geral e CEO do RI e da Fundação Rotária, John Hewko: Inovação em Rotary e os planos pilotos
- Paulo Eduardo Krambeck da Silva: Mobilidade para todos
- Lançamento da Convenção de Calgary
- Diretor de RI Anirudha Roychowdhry: Erradicação da pólio, a reta final
- Palavra do Chairman do Instituto Governador Dejarino Santos Filho
- Palavra do Diretor de RI Henrique Vasconcelos
- Palavra da Presidente de RI Stephanie Urchick
- Encerramento e avisos finais
- Video do Instituto

Noite (20 às 00 horas)

Baile da Presidente (La Maison buffet)
Compre seu ingresso online através do link: <https://shre.ink/bailedapresidente>

01/09

Dia Livre & retorno

LICIA LUCAS

Associada do Rotary Club de Niterói-Norte, a Acadêmica Licia Maria Lucas Serrano, titular da Cadeira nº 10, patronímica de Acácia Brazil de Mello, é musicista, professora, palestrante e escritora.

Nascida em Itu, SP, começou os estudos de piano em família, diplomando-se posteriormente na Escola Nacional de Música. Especializou-se no Brasil com Homero de Magalhães, e na Itália, no Conservatório de Santa Cecília de Roma, com Vincenzo Vitale. Aperfeiçoou-se com Bruno Seidhofer e Hans Graf, da escola vienense. Conquistou o primeiro lugar no Concurso para Solistas da Orquestra Sinfônica Brasileira. Na Itália, foi Medalha de Ouro no Concurso Internacional Viotti de Vercelli. Tem se apresentado como recitalista e solista de mais de 50 orquestras sinfônicas pelo mundo.

Gravou concertos com a Orquestra Sinfônica Nacional no Rio de Janeiro; a Filarmônica Acadêmica de São Petersburgo; a Orquestra Estatal da Sociedade Filarmônica de Moscou; a Filarmônica de Turim na Itália; nos Estados Unidos com a Arpeggione Kammerorchester da Áustria. Gravou os CDs *Il Barocco*, *24 Prelúdios de Chopin*, *Licia Lucas in Italy*, *Licia Lucas in Russia*.

Docente e recitalista no Encontro de Piano Mercosul em Bariloche e no Museu da Arte Hispanoamericana, em Buenos Aires, Argentina; representante da arte brasileira na Série Música no Museu, no Brasil e no exterior; foi aclamada em Portugal no Palácio Foz de Lisboa e na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, na Sala de Concertos da Embaixada do Brasil em Berlim e na Sala Baldini de Roma.

Coordenou o Departamento de Música Clássica do Ministério da Cultura da Nicarágua e chefiou a Cátedra de Piano da Escola Nacional de Música de Manágua. Proferiu palestras em diversos países. No Brasil, desenvolve intensa atividade pedagógica, apoiando várias orquestras jovens.

Agraciada com a Ordem do Mérito Cultural Carlos Gomes e o Grau de Comendadora da Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino, é fundadora da Academia Nicaraguense da Música e Presidente de Honra da Orquestra Jovem da Nicarágua, tendo recebido a Medalha de Amiga e Mecenaz da Arte e da Cultura Nacional daquele país. Presidiu a Academia Nacional de Música e é membro do "Comité d'Honneur" da Fundação João de Souza Lima; do Movimento Mundial Dariano; do Cenáculo Fluminense de História e Letras; do "Comité d'Honneur" da Fundação Franz Liszt, na França; do Elos Internacional. É Acadêmica Eleita da Academia Fluminense de Letras.

Autora de *A Genealogia do Piano* com Marne Serrano, no qual faz um mapeamento histórico do surgimento e desenvolvimento do piano (publicado em português, inglês e espanhol).



MARCELO LES CAMPOS

Titular da Cadeira nº 6, patronímica de Herbert Taylor, o Acadêmico Marcelo Lesnisczki Martins de Campos Ferreira, associado do RC de Niterói, é advogado, professor e escritor.

Nascido no Rio de Janeiro, é diplomado em Direito pela Universidade Santa Úrsula, e pós-graduado em Direito Empresarial (Universidade Gama Filho), Direito Financeiro e Tributário (Universidade Federal Fluminense), Gestão Pública (Instituto de Educação Roberto Bernardes Barroso, MP/RJ), Engenharia de Meio Ambiente e Saneamento (Universidade das Américas), Direito Econômico e Desenvolvimento (Universidade Cândido Mendes). Cursando doutorado em Energias Renováveis (Atlantic International University, EUA).

Publicou diversos artigos nas áreas de Direito Administrativo, Regulatório e Saneamento Básico, com destaque para: *Os Novos Rumos do Saneamento; Saneamento 5.0: A Regionalização e a Recuperação Energética como perspectivas futuras para Universalização dos Serviços; Evolução das Regras sobre Improbidade Administrativa no Brasil e Principais Alterações da Lei Federal nº 14.230/2021;*

Direito do Saneamento Básico: propedêutica para uma nova disciplina jurídica; Desestatização do Setor de Saneamento Básico: uma nova perspectiva de reorganização e desenvolvimento do setor a fim de atrair investimentos de capital privado; entre outros.



Atuou como professor convidado das Faculdades de Direito da Universidade Santa Úrsula e do Centro Universitário Plínio Leite. Exerceu os cargos de assessor de desembargador do Tribunal de Justiça/RJ; assessor especializado da Assessoria Jurídica da Presidência da CEDAE do Rio de Janeiro; e advogado assistente da Diretoria de Desenvolvimento Metropolitano Integrado do Instituto Rio Metrôpole. Foi suplente de deputado estadual do Rio de Janeiro pelo Partido Novo (2018-2022).

Na OAB-Niterói preside a Comissão Especial de Saneamento, Recursos Hídricos e Gás Encanado e é delegado da Comissão Luso-Brasileira de Advocacia e Estudos Jurídicos; na OAB-RJ é membro da Comissão Especial de Saneamento, Recursos Hídricos e Gás Encanado.

É membro da Academia Internacional de Letras Jurídicas; do Grupo de Estudos de Direito Administrativo; do Instituto Ibero-Americano de Compliance. Sócio fundador das empresas C&M Consulting e Dog Village Petshop; fundador do Website Direito do Saneamento, do Movimento Cidadão Fiscal no Leste Fluminense e da Revista Eletrônica de Direito do Saneamento e Energia.

Pai de Marcela e Luiza, tem como inspiração o avô Maurício Prates de Campos, ganhador do Prêmio Conselheiro Jorge Cunha do Conselho Federal de Química por ser um dos idealizadores do biogás no Brasil (presidente RC de Campos dos Goytacazes 1949-50, fundador e 1º presidente RC de Cabo Frio), bem como o tio-avô Wagner Estelita Campos, patrono da Cadeira nº 58 da Academia Goiana de Direito (ex-ministro presidente do Tribunal de Contas da União).



MARNE SERRANO

Titular da Cadeira nº 46, patronímica de Roberto Macieira, o engenheiro, professor, produtor musical e escritor Marne Serrano Caldera é associado do RC Niterói-Norte.

Cidadão brasileiro nascido na cidade de Masaya, na Nicarágua. Coursou o primário no Colégio Salesiano e o secundário no Instituto Nacional de Masaya, ocasião em que o RC de Masaya lhe conferiu a Medalha e o Diploma de Melhor Amigo. Em 1962 viajou para a Itália, onde graduou-se e fez o doutorado em Engenharia Eletrônica, com as máximas qualificações, na Universidade de Roma, cidade onde conheceu a pianista brasileira Licia Lucas, com quem se casou, radicando-se no Brasil.

Trabalhou na empresa ENTEL S/A e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como professor dos cursos de Engenharia de Telecomunicações. Em 1971, fez pós-graduação em Telecomunicações no Instituto de Pesquisas Espaciais em São José dos Campos, onde trabalhou no Laboratório de Eletrônica e foi responsável pelo Projeto e Instalação do Sistema de Comunicações por Satélite para pesquisas de Recursos Terrestres. De 1973 a 1979 foi engenheiro-chefe do Setor de Transmissão do Departamento de Desenvolvimento da TELERJ (Telecomunicações do Rio de Janeiro). Contratado pelo Instituto de Telecomunicações da Nicarágua, desempenhou funções como engenheiro, diretor de projetos, diretor técnico e finalmente vice-ministro das Comunicações.

Em 1982 foi membro fundador, em Madri, da Associação de Centros de Telecomunicações. Foi delegado a Congressos na América Central, Brasil, Estados Unidos, Costa Rica, França, Alemanha, Suíça, Peru e Espanha, e visitou fábricas e Centros de Eletrônica e Comunicações na Alemanha, Bulgária, Espanha, França, Estados Unidos, México, Brasil, Panamá, Peru e Costa Rica. De volta ao Brasil, em 1984 foi gerente-geral na Empresa Construtel, e gerente comercial na ETE Engenharia em 1990, ano em que adquiriu a nacionalidade brasileira. Em 1994 passou a integrar o corpo de consultores do Banco Interamericano de Desenvolvimento (Washington). Como consultor no Brasil realizou diversos projetos de Engenharia Acústica.



No campo da Música Clássica, atua como produtor e representante de renomados maestros, artistas e orquestras sinfônicas de vários países. Suas atividades na área musical o têm levado aos Estados Unidos, América Latina e Europa.

Em 2010 publicou com Licia Lucas o livro *A Genealogia do Piano*, com versões em espanhol (*La Genealogía del Piano*, 2012) e inglês (*The Genealogy of the Piano*, 2020). É membro do Elos Internacional da Comunidade Lusíada e do Movimento Mundial Dariano, entidade com sede em Miami que homenageia o “poeta universal” Ruben Dario, nascido na Nicarágua, sendo também representante no Brasil desta instituição cultural.

ACADEMIAS DE LETRAS

GUARDIÃS DA MEMÓRIA DE UM POVO

Quando se pensa no papel das instituições para a preservação da memória, torna-se essencial ampliar a percepção de que tipo de memória estamos falando. No caso das Academias de Letras, não apenas os discursos de posse e recepção, mas os registros das atividades rotineiras revelam a grandiosidade do que guardam: a história da intelectualidade que por ali passa e por ela se consolida. Falamos, portanto, do registro do processo de construção de valores, atos, simbolismos e rituais que fomentam a unidade institucional e possibilitam uma compreensão, muitas vezes, mais apurada do que culturalmente se considerou naquele período de tempo. Falamos de memória nas Academias e acabamos revelando individualidades e coletividades, pessoas, gente.

A memória tem um papel essencial na história das instituições para o registro e a consequente preservação de seus ritos, criando um acervo a ser considerado nos atos que se repetem. São essenciais essas normatizações para que as pessoas que formam os grupos dentro das instituições tenham um tratamento baseado nas práticas sociais e nas fundamentações das deliberações e hierarquizações que delimitam as dinâmicas coletivas. Uma organização que escolhe uma liderança coletiva de todos os seus fazedores deve considerar a possibilidade de fala, registro e avaliação de todos os que fizerem parte de seu quadro social. O possível silenciamento de um membro que tenha uma ação considerada

negativa ou inapropriada em ocasião específica, por exemplo, não deve invalidar sua manifestação.

No caso das Academias de Letras, instituições baseadas no princípio da fraternidade entre seus membros titulares e no respeito de seus antecessores, a identificação com a função social do registro da cultura do tempo histórico coloca os “confrades” em um compromisso claro com a definição de uma memória a ser preservada. Felinto de Almeida (apud Venâncio Filho, 2016) chancela que “mais do que uma decorativa associação de consagrados, a Academia deverá ser uma sociedade de proteção, não aos escritores diretamente, mas às letras”. Atentemos para que a preservação se alinha a estabelecer em coletivo os dados que são merecedores do registro de longo tempo. Os componentes das Diretorias assumem, assim, um papel essencial no encaminhamento do que se considera louvável.

Esse caminho é baseado no princípio de morte e vida que estabelece a dinâmica dos quadros de membros das nossas Academias. Baseados no formato francês de arcádia de Richelieu, os quadros já assumem desde seu início o princípio de cadeiras a serem ocupadas por apenas um intelectual, que será substituído após a sua morte, numa sucessão solene de talentos louváveis dentro da tradição daquele instituto. Como um grande clube estabelecido entre indivíduos proeminentes em seus quadros sociais, não é lícito o apagamento das colaborações dos anteriores após finda a vida, mas um louvor, canto acumulativo que se estabelece não apenas no discurso de posse, ocupante a ocupante, mas nos atos, na defesa dos marcos históricos (inclusive temporais) e nas ações de valorização dos anteriores, em uma terna esperança de que assim será feito quando da partida do presente acadêmico.

A esta altura, percebemos facilmente que o trabalho das Academias consiste em uma sistematização dos dados que conseguimos



Jordão Pablo de Pão
Academia Niteroiense de Letras



coletar de todos os seus fazedores. Os discursos, as celebrações, os registros, as anotações são algumas das formas como a memória se faz viva, ganha corpo, vira documento. E o documento é essencial para que as Academias possam contar histórias. Infelizmente, nesta primeira metade de século XXI, vemos o surgimento de um número muito significativo de registros, por conta das tecnologizações que enfrentamos em todos os setores sociais, mas não percebemos o avanço das sistematizações de seus acervos. Assim, estamos a produzir coisas cuja evolução das técnicas de suas guardas ainda estão muito defasadas. Poeticamente, vale a recordação de Antônio Cícero (1996) com seu poema *Guardar*: “Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la. / Em cofre não se guarda coisa alguma. / Em cofre perde-se a coisa à vista. / Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por / admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado”.

As Academias de Letras são instituições que prezam por trazer a público as contribuições de seus membros, a partir de conquistas individuais e de processos coletivos. Cândido Mendes de Almeida (2016, p. 53) aponta que “a densidade de uma cultura se mede pelo reconhecimento dos ‘lugares sociais’ de um ‘ver e ser visto’, em que se

venha a decantar a nossa identidade coletiva. De início, este imperativo concentra-se na fruição do próprio grupo”. Assim, atuam como verdadeiros espaços de criação e manutenção de redes humanas que relatam atuações de seus pares, analisam práticas coletivas e oficializam certas atitudes ou percepções com o intuito de *falar* para não perder do *olhar*. Logicamente, atua, ainda, como uma espécie de cola, de ligação que reaviva a consciência institucional, fomentando uma postura muitas vezes lida como conservadora. E é.

Liad/Lyad de Almeida registrou em seu essencial artigo “A missão da Academia na vida moderna” (1969) que a relação da mocidade com as Academias nunca é harmônica por normalmente considerarem que elas “não os abrigam”, sem considerar que o tempo é a única forma de fazer “a prova dos nove das vocações que se esboçam”. Nesta linha, afirma que a tendência é que os novos tratem a Academia com irreverência. Diríamos mais, quase sessenta anos após: o desajuste das Academias com suas funções basilares faz com que a sua participação social muitas vezes seja esvaziada, estabelecendo

*Academia Francesa (Académie Française),
primeira Academia de Letras do mundo.
Fonte: Depositphotos*



um desafio maior. Isso entra em desajuste com o que foi bem sistematizado por Niskier (2011) ao afirmar que “a marca notável das academias está sintetizada na palavra *convívio*”. Aqueles que entram devem não apenas entender a honra de pertencer a uma instituição neste formato, mas criar em seu lócus social, em seu campo uma atitude afirmativa do que se faz naquele contexto.

“(...) A melhor garantia da liberdade e independência intelectual é estarem unidos no mesmo espírito de tolerância os que veem as coisas da arte e poesia de pontos de vista opostos.”

Ao apresentar, nos atos e eventos institucionais, seus registros, não apenas estabelecem o conhecimento sobre as conquistas do passado, mas permitem a interpretação de seus valores, de suas fórmulas, de seus ritos naquele contexto. Felizmente também tem aumentado o número de acadêmicos de que se tem notícia que buscam estabelecer metodologias e publicações de suas rotinas, das práticas das instituições, a publicização de seus julgamentos. Joaquim Nabuco (apud Venâncio Filho, 2016) já cantava a importância do desajuste, do “prazer de concordarmos em discordar; essa desinteligência essencial é a condição da nossa utilidade, o que nos preservará da uniformidade acadêmica. [...] A melhor garantia da liberdade e independência

intelectual é estarem unidos no mesmo espírito de tolerância os que veem as coisas da arte e poesia de pontos de vista opostos”. E esta diversidade se fortaleceu. As Academias estão se afastando da posição neutra sobre polêmicas sociais em seu estabelecimento, na virada do século XIX/XX. Isso tem auxiliado a aproximação em relação à sociedade, apontada como o caminho de garantia da existência das Academias de Letras por Almeida (1969).

Passamos a uma nova era? Não exatamente a um novo paradigma, mas a um novo momento, em que a preservação da memória não apenas ajuda a manutenção de documentos e de ritos. Chegamos a um momento em que os registros das Academias, a criação de novos ritos e o questionamento de certos critérios de adesão permitem o ingresso de intelectualidades que, por si só, já contam uma versão da história de seus povos. Além do simbólico, as instituições começam a considerar um aspecto geral em todos os tempos. Talvez a conquista da estabilidade que vem com a imortalidade não apenas falasse sobre o fomento de legados, mas permitisse uma revisão a partir da experiência dos povos, das dinâmicas sociais para se criar novos encaminhamentos. Esperamos, de todo o coração, que essa missão de “manutencionar” memórias possa criar um futuro mais promissor para as Academias de Letras, essenciais para se entender cada territorialidade, todo um país.

Referências:

- ALMEIDA, Cândido Mendes de. A ABL e o cânon de 97. In: *Revista Brasileira*, fase VIII, ano V, n. 88, jul-set 2016, p. 53-61.
- ALMEIDA, Liad de. A missão da Academia na vida moderna. In: *Niterói* 1. Ano I. Niterói: Instituto Municipal de Desenvolvimento Cultural, Prefeitura Municipal de Niterói, 1969, p. 7-14.
- CÍCERO, Antonio. *Guardar* : poemas escolhidos. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- NISKIER, Arnaldo. A marca notável das academias de letras. In: *Correio Braziliense*, 04 nov. 2011. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/marca-notavel-das-academias-de-letras>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- VENÂNCIO FILHO, Alberto. A Fundação da Academia, p. 61-80. In: *Revista Brasileira*, fase VIII, ano V, n. 89, out-dez 2016, p. 74.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

TESTEMUNHO DA EXPERIÊNCIA HUMANA

A humanidade inteira enfrenta a realidade, ora aceitável, ora inóspita, que Drummond fixou em sua poética. Ele desfere uma das vozes mais elevadas da poesia em Língua Portuguesa. Esse mineiro de Itabira estabeleceu a mediação entre o fazer poético e a vida do homem de várias épocas, mormente, do homem contemporâneo. E nós estamos na estrada do tempo. Todos buscamos o caminho que nos levará à “humana lida”. O mundo concreto espera-nos para que, a despeito de tudo, possamos tornar *as tardes mais azuis*. Na verdade, a mocidade ficou retida em uma fotografia na parede. Seguimos solitários, mas resolutos no propósito de vencermos desafios, enquanto os estáticos *tiram ouro do nariz*, enredados nas teias dos cargos privilegiados. E assim, o mundo reconhece que grande parte de sua população está pessimista, com os braços doloridos da vã tentativa de segurar os sonhos de uma vida menos complexa e menos injusta.

Primeiramente, o poeta, em seu *Poema de sete faces*, atirou em nosso rosto a revelação do individualismo, do isolamento, do pessimismo, da reflexão existencial, além de certas atitudes permanentes que se estenderam por toda a sua obra, como a *ironia e a metalinguagem*. Numavisão intuística, ele procurou mostrar seu pensamento a respeito do comportamento humano no dia a dia. Há a percepção do cotidiano na cidade grande que submete o homem a situações insólitas

para sobreviver. E também em uma *cidadezinha qualquer*. Há também aquele que se esconde atrás do bigode. Muitos são os que usam de outros artifícios para esconderijo: a exibição da beleza adquirida, os traços de uma tatuagem, o trabalho excessivo, uma imagem construída. Muitos de nós escondemo-nos por trás de algo ou de alguém, em uma atitude de defesa, usando de uma forma inversa e inverossímil para escondermos o nosso eu.

Há dias em que buscamos o isolamento; muitos, infelizmente, buscam-no na morte, outros, em um hermetismo inexplicável, talvez, por não saberem conviver com a própria dor. É o sofrimento, é a deleitação ingênua do indivíduo com o sofrer. É o *gauchismo* que é universal. Todos os homens são *gauches*, pois essa é a consequência de se estar nesse mundo problemático. O desespero do poeta é de todos nós. Todavia, enquanto ele busca a esperança no seu canto, mesmo que seja no silêncio, ou em um canto que não existe, nós a buscamos em outras cachaças que venham em *canequinha de folha de flandres, folha de taioba, tudo nos serve*. Precisamos da ironia, do humor, da piada, da língua solta do poeta. Já é tempo de confessar que somos iguais a ele ou que ele fotografou a nossa alma e revelou as fotos nos versos que escreveu.

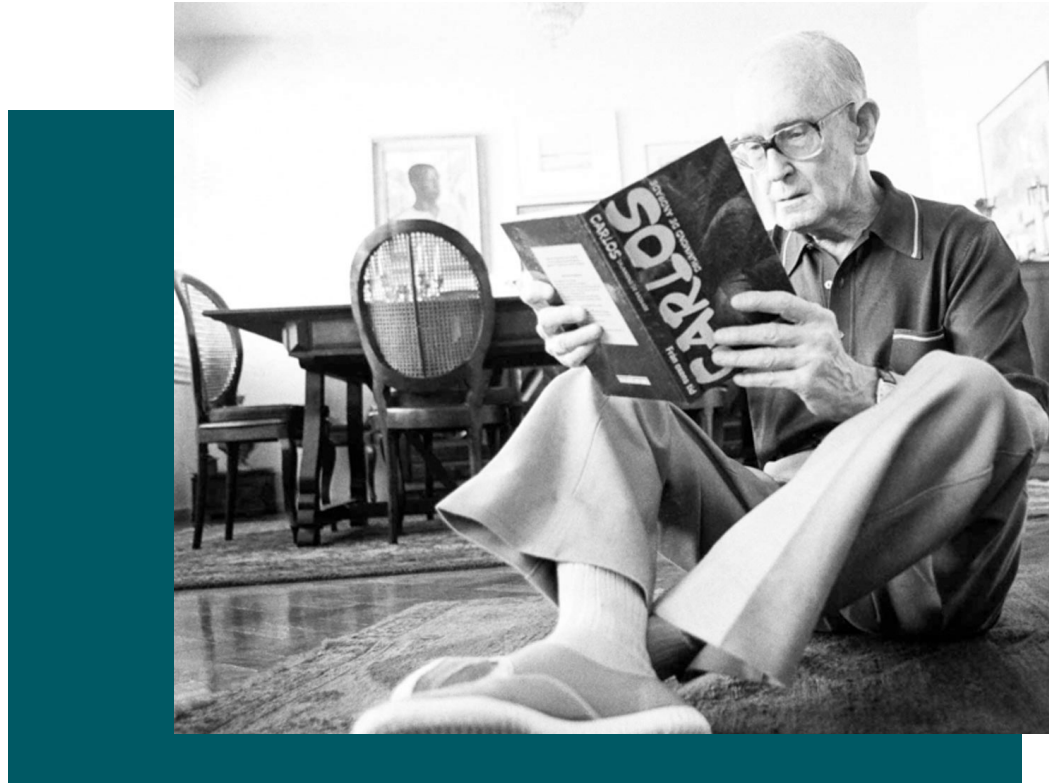
Por outro lado, há um certo sensualismo (perna/olhos) para inundar a vida dos homens com um pouco de poesia, sem esquecer a crítica social, o sarcasmo, construtores do grande espelho em cuja face recorta-se o perfil do homem de todos os tempos. Todos temos um quê de subjetivo que nos persuade, ainda que o cotidiano faça tudo para emudecer-nos e dissipar-nos a ternura, “*mas a poesia deste momento / Inunda nossa vida inteira*” (*Em Reunião*, p. 16). O individualismo, nesses primeiros tempos, é exacerbado, contudo essa fase, presente em *Alguma Poesia* e, mais organizada, em *Brejo das Almas*, vai passar.



Ana Maria Moreira

Presidente do Elos Clube Visconde do Rio Branco

Carlos Drummond de Andrade
Foto: Evandro Teixeira / IMS



Carlos, qual é o motivo da mudança no seu comportamento a partir desse ponto da estrada? Pressinto agora, em cada poema, o *sentimento do mundo* e não, exclusivamente, o do poeta. Vejo-o interessado nos problemas da vida social da qual quisera isolar-se. Não o conseguiu porque conduz à sensação de debilidade do mundo e à necessidade de transformá-lo, ainda que se precise mudar o posicionamento político e assumir atitudes radicais. O eu-lírico assume, pois, interesse mais intenso pelos problemas dos homens e se integra ao contexto histórico. Sabemos que o mundo assistiu a guerras, presenciou a ascensão do nazifascismo. Especialmente, o Brasil viu a Intentona Comunista e a ditadura de Vargas. Em todo o mundo, a Literatura está engajada à causa política. O *gauchismo* do poeta já se fizera universal. Agora, sua poesia é posta a serviço da causa revolucionária. Ela é o seu instrumento de luta. Pode até haver um sentimento de impotência, porque *o coração não é maior que o mundo*. Para o poeta há apenas *duas mãos e o sentimento do mundo*. Avulta o desejo de agir sobre o mundo e modificá-lo. Avulta a consciência dolorosa da realidade social, da tensão eu-mundo e o desejo de o primeiro comungar e agir sobre o segundo. E *o mundo é grande, requer mãos dadas*. Há o espaço do ímpeto do eu-poético de autocompreensão para chegar à explicação de si mesmo e atingir a compreensão da vida presente.

Apesar de tudo, há a inevitabilidade de existir; morrer não é mais uma certeza. A

possibilidade da morte não é uma realidade passível de descanso. Vem a banalização da vida e o desespero de lançar-se, com desvario, nos braços da tragédia, coroando todas essas etapas de incerteza, confundindo o limiar das duas faces como se as duas fossem iguais. Para muitas pessoas essas extremidades chocam-se sem nenhuma chance de felicidade. Os Josés estão nesse impasse. Quando se apoderam da chave para abrirem as portas da salvação, *não existe porta. Nem parede para se encostarem*. A impossibilidade de solucionarem problemas é grande, por isso *não nos afastemos*. Se os homens derem-se as mãos, o destino não nos tomará o leme da vida, como sempre quer fazê-lo. Como explicar hoje a bala perdida que atinge a um inocente? Atrás da falta de justiça hábil, da inexistência de aparatos modernos, da falta de punição e atrás de leis arcaicas, fica a indagação da mãe inconsolável. Por que acontecer isso com o meu filho? Quantas perguntas sem respostas?! Famílias desfazem-se. Onde está a solução para essa questão e incontáveis outras? Trata-se da impossibilidade humana diante das pedras que a vida coloca em nosso caminho. Quem ainda não tropeçou em uma pedra ou em várias na estrada da vida?! Elas estiveram no caminho de Drummond e estão sempre no aguardo de todos nós. Em um ponto inesperado, ei-las que surgem, machucando-nos a alma de viajantes incautos, sobreviventes dessas adversidades pela nossa teimosa insistência em seguir a caminhada.

LIBERDADE

“Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!”, poetou Cecília Meireles em seu *Romanceiro da Inconfidência*.

No tema, necessário lembrar a peça *Liberdade, Liberdade*, genial criação de Flávio Rangel e Millôr Fernandes, que estreou no dia 21 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, numa produção do Grupo Opinião e do Teatro de Arena de São Paulo, cujos papéis foram representados por Paulo Autran, Nara Leão, Oduvaldo Vianna Filho, com a participação especial de Tereza Rachel. A peça traz o sentido da liberdade em vários séculos, a começar por Sócrates, executado pela falsa acusação de corrupção da juventude.

Na mesma peça, colocaram o célebre discurso que Abraham Lincoln pronunciou em Gettysburg na inauguração do cemitério em Arlington:

Há oitenta e sete anos atrás nossos pais fundaram neste continente uma Nação nova, baseada na liberdade e dedicada ao princípio de que todos os homens nascem iguais. Agora estamos empenhados numa grande Guerra Civil para verificar se uma tal Nação, ou qualquer outra assim concebida, poderá perdurar. Estamos reunidos num grande campo de batalha desta guerra. Viemos para consagrar um recanto do mesmo como o último lugar de repouso para

aqueles que deram a vida a fim de que essa Nação pudesse sobreviver. O mundo não notará nem se lembrará por muito tempo do que dizemos aqui; mas jamais poderá se esquecer do que eles aqui fizeram. Quanto a nós, os vivos, cabe dedicarmo-nos à obra inacabada que os que aqui lutaram já levaram tão longe. Decidamos aqui que esses mortos não morreram em vão; que esta Nação, sob a proteção de Deus, renascerá para a liberdade, e que o governo do Povo, pelo Povo e para o Povo não desaparecerá da face da terra.

A liberdade é conceito pertencente à Filosofia, de acordo com a cultura da sociedade em cada momento histórico.

Segundo a clássica diferenciação que Benjamim Constant, o mestre de Estrasburgo, inspirador da ideia de democracia temperada entre os meios revolucionários e a restauração da monarquia, fez no século XIX: para os antigos, a liberdade era o poder de intervir nos negócios públicos, enquanto, para os modernos, tem conteúdo nitidamente individual de atuação.

Em seu conteúdo, a liberdade é vista hoje sob três principais aspectos: na visão inglesa como a ausência de condições e limites, na visão francesa como uma necessidade individual condicionada pelo meio em que se vive, e na visão alemã, o poder individual de escolha.

O Estado Democrático de Direito, de cunho liberal, fundando-se na diretriz ideológica da igualdade dos homens, induziu ao conceito formal de Constituição, extraído, daí, o conceito de legalidade como o substrato jurídico do poder. A lei é exigida para o exercício do poder porque o governante e o administrador somente atuarão quando e se houver determinação legal, pois sua atuação implica, necessariamente, restrição à liberdade individual. Os direitos liberais têm por conteúdo a proibição da ação, como se vê, no art. 5º da Constituição de 1988, vedando a tortura, a



Nagib Slaibi Filho
ABROL - Estado do Rio



prisão sem fundamento, o grampo telefônico etc. Todos eles têm conteúdo negativo.

O Estado Social de Direito, de cunho transformador, funda-se na diretriz ideológica da desigualdade latente entre os homens, instituindo os direitos sociais, como se vê no art. 6º, cujos conteúdos são as prestações de serviços em prol da educação, saúde, seguridade etc. Induz ao conceito material da Constituição e desconfia da norma genérica e abstrata, porque compreende que não lhe é possível a previsão de todas as situações.

O direito social somente pode ser atendido na situação concreta em que se encontra a pessoa, de acordo com a sua individualidade.

O direito liberal, também chamado de liberdade pública, visa atender todos da mesma forma.

Pretende que não haja contradição ontológica entre legislação e decisão, lei e decreto ou sentença, que devem estar em relação dialética, porque se complementam. Se o velho Estado de Direito do liberalismo fazia o culto da lei, o novo Estado Social de Direito faz o culto da Constituição, transcendendo a sua autoridade do conteúdo literal da mesma, como está disposto nos §§ 1º e 2º do art. 5º:

§ 1º As normas definidoras dos direitos e garantias fundamentais têm aplicação imediata.

§ 2º Os direitos e garantias expressos nesta Constituição não excluem outros decorrentes do regime e dos princípios por ela adotados, ou dos tratados internacionais em que a República Federativa do Brasil seja parte.

O § 1º dispensa o ato legislativo para dar eficácia aos direitos e garantias fundamentais.

O § 2º transcende o texto da Constituição para que os direitos e garantias fundamentais não se restrinjam ao conteúdo de cada país, fazendo valer os atos internacionais, como os de proteção das crianças, das mulheres, das pessoas com deficiência, para que sejam protegidos pela Justiça ainda quando ignorados pelos órgãos governamentais.

Enfim, neste século XXI, a liberdade ganha foros de valor cultural, muito além do texto da Constituição.

*A Escola de Atenas, afresco no Vaticano (no centro Sócrates e Platão), 1509. Afresco pintado por Rafael.
Fonte: wikimedia*



NOVA FRIBURGO

BERÇO DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

No dia 3 de maio de 2024 a cidade de Nova Friburgo / RJ celebrou 200 anos da chegada dos primeiros imigrantes alemães, ressaltando a contribuição da comunidade alemã para a história e cultura friburguenses.

Em seu livro *As Famílias Erthal-Gradwohl – A Verdadeira Primeira Colônia Alemã no Brasil*, baseado em primoroso trabalho de pesquisa, Pedro Elias Sanglard constata ser errônea a versão consagrada pela maioria dos autores de que foi a Colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, fundada em 25 de julho de 1824, o berço da colonização alemã no país.

O autor verificou que, de fato, a primeira imigração alemã oficial, promovida pelo governo e iniciada a partir da Independência do Brasil, foi a colônia de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, para onde foram enviados os primeiros imigrantes alemães trazidos pelo major Georg Anton von Schaeffer, a mando do Imperador Dom Pedro I, vindos nos veleiros Argus e Caroline, em janeiro e abril de 1824, e chegados à Vila de Nova Friburgo (então Morro Queimado) em 3 de maio de 1824, enquanto os primeiros colonos alemães de São Leopoldo vieram apenas no terceiro veleiro, Anna Louise, que aportou no Rio de Janeiro somente em 4 de junho.

Outro fato histórico a corroborar esta verdade é o reconhecimento de que a primeira Igreja

Luterana do Brasil e da América Latina foi fundada, também, em 3 de maio de 1824, para atender aos colonos alemães protestantes de Nova Friburgo, sendo seu líder o pastor Sauerbronn, que chegou com os pioneiros colonos alemães do veleiro Argus, em 1824, o primeiro dos 42 (quarenta e dois) navios que trouxeram imigrantes alemães para o Brasil.

Dom Pedro I teve várias razões para implementar a vinda dos colonos alemães; em especial, a presença disfarçada, entre eles, de soldados mercenários para combater uma possível resistência dos portugueses à independência (o Tratado de Viena, de 1815, havia proibido a contratação de mercenários). É forçoso reconhecer que o imperador desejava, também, "embranquecer a população brasileira", que havia recebido cerca de 4 milhões de negros escravizados da África.

Assim, em 21 de agosto de 1822 José Bonifácio, então ministro dos Negócios Estrangeiros do Reino, assinou documento com instruções a Schaeffer, o emissário de Dom Pedro, futuro imperador, na sua missão secreta na Áustria de, além de conseguir o reconhecimento da independência do Brasil pelos governos europeus, criar uma colônia rural-militar no Brasil, composta por duas classes de pessoas: a primeira de atiradores disfarçados de colonos, que deveriam servir por 6 anos, e a segunda, de colonos aos quais seriam concedidas terras, devendo servir como militares somente em tempo de guerra, somando no máximo 4.000 emigrantes. Schaeffer e outros representantes do Imperador do Brasil na Europa, cumprindo seu objetivo principal de conseguir mercenários para o Exército Imperial, assinaram contratos de imigração com alemães.

Dom Pedro I inspirou-se nas medidas adotadas por seu pai Dom João VI na criação da primeira colônia agrícola estrangeira no Brasil, a colônia suíça de Nova Friburgo, para a implantação



Célio Erthal Rocha

Academia Fluminense de Letras

Honorário do Rotary Club Niterói-Norte

das colônias alemãs no Império brasileiro (a colônia suíça de Friburgo havia malogrado, com os colonos se dispersando para a extensa região vizinha do município de Cantagalo, em busca de terras mais férteis).

Pela Portaria de 10 de janeiro de 1824, o imperador mandou o monsenhor Miranda, antigo inspetor dos colonos suíços e depois nomeado inspetor dos colonos alemães que chegariam ao Rio de Janeiro, desocupar os armazéns da Armação da Praia Grande (hoje Niterói / RJ), ainda com barbatanas de baleias, para acomodação dos imigrantes.

Em 13 de janeiro de 1824, chegou ao Rio de Janeiro o veleiro transatlântico Argus, com 134 colonos e 150 mercenários; em 14 de abril de 1824, chegou o Caroline, trazendo 180 colonos e 51 mercenários.

Após a penosa viagem por mar, em condições precárias, os imigrantes ainda faziam outra árdua jornada: inicialmente, em embarcações por via fluvial da Vila da Praia Grande até Cachoeiras de Macacu; depois, a pé ou em animais e carroças (para bagagens, mulheres e crianças) na subida da serra, auxiliados por escravos, através de picadas

STEINMANN, Johann Jacob. Novo Friburgo ("Colônia Suíça", ao Morro Queimado), 1834. Gravura água-tinta pintada à mão. Coleção Brasileira Iconográfica. Acervo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

pelo mato, até chegarem à sede da colônia, onde ocupariam as casas que tinham sido dos colonos suíços.

Em 3 de maio de 1824 chegaram à Fazenda do Morro Queimado (futura Nova Friburgo), então pertencente à extensa região de Cantagalo, os primeiros imigrantes do major Schaffer, dando início à primeira colônia alemã oficial promovida pelo governo no Brasil.

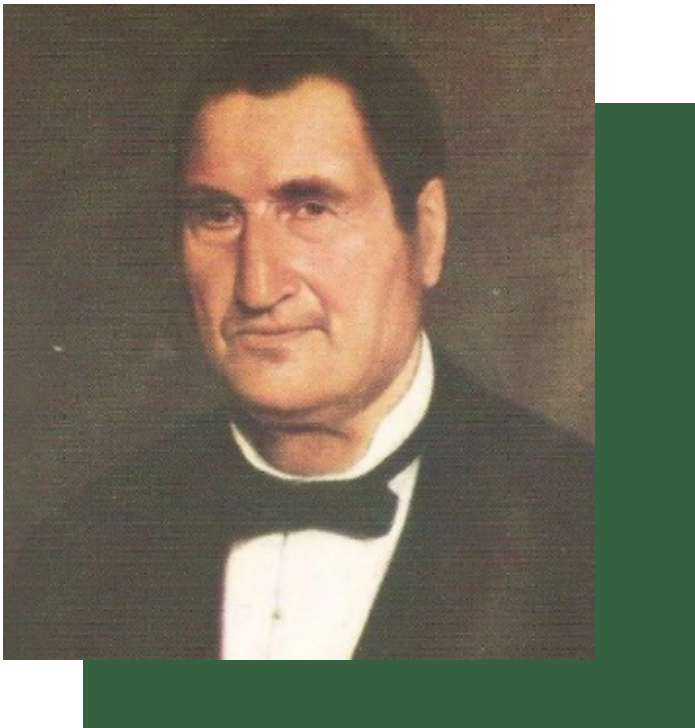
Os imigrantes foram atraídos pela promessa de receberem terras na nova nação, além de outras vantagens, mas a realidade revelou-se bem diferente. Vários imigrantes alistados como colonos acabaram sendo obrigados a se juntar ao Batalhão de Estrangeiros. A colônia ficava a poucos dias de viagem da capital, mas os caminhos eram ruins e os colonos não podiam vir vender seus produtos; diante da pobreza, alguns assentaram praça voluntariamente, também frustrados por não receber o gado e os instrumentos agrícolas prometidos – na verdade recebiam apenas enxada, machado e serrote para derrubar o mato na terra a eles destinada.

Entre os primeiros colonos estava o pastor Friedrich Oswald Sauerbronn, que viria a se tornar o primeiro pastor luterano do Brasil. Autorizado a exercer particularmente as funções de seu ministério (a prática de outras religiões além da católica era permitida apenas na esfera



doméstica), em 3 de maio de 1824 o pastor Sauerbronn fundou a Comunidade Luterana de Nova Friburgo, a primeira da América Latina.

Em seu livro *A Colonização Suíça e Alemã em Nova Friburgo: a dispersão espacial dos colonos da Gleba Rural*, o historiador Rui Erthal enfatiza que embora a região possuísse clima semelhante ao europeu, os colonos se depararam com vários obstáculos com relação ao domínio da natureza na área, dotada de árvores altas e frondosas, sendo algumas resistentes ao corte, além da presença constante de animais selvagens. A maioria dos lotes de terras eram impróprios para a agricultura, em especial da principal cultura agrícola do Rio de Janeiro no século XIX, o café, que não resistia ao clima frio; em decorrência



O imigrante alemão João Erthal
Foto: arquivo pessoal do autor

disso, a exemplo dos suíços, muitos dos colonos alemães eventualmente também os abandonaram em busca de melhores terras e oportunidades, indo para regiões como Macabu, Cantagalo e Rio de Janeiro, como também para outros estados, como Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A colônia só viria a atingir estabilidade e alcançar seus objetivos como produtora de alimentos na década de 1830, com os colonos já estabelecidos nas regiões limítrofes. Diz Rui: **“Se a pioneira colônia não atingiu seus objetivos como era esperado, os seus desdobramentos foram fundamentais para o desenvolvimento**

econômico, social e cultural de Nova Friburgo e da Região Serrana Fluminense”.

Neste sentido, a pesquisadora Vanessa Melnixenco ressalta que a criação da colônia de Nova Friburgo acabou contribuindo decisivamente para o desenvolvimento de Cantagalo, enquanto o desenvolvimento de Cantagalo também contribuiria para a prosperidade de Nova Friburgo, que se beneficiou como área de escoamento do café produzido nas regiões vizinhas. Aproveitando o aumento no trânsito de tropeiros, os colonos de Friburgo puderam abrir pequenos negócios para vender seus produtos ou exercer suas atividades como prestadores de serviços, complementando a renda obtida com a produção agrícola familiar e a criação de animais. No início da década de 1830, a construção da Estrada da Serra da Boa Vista trouxe ainda mais progresso, facilitando o acesso de visitantes, inclusive convalescentes que buscavam o clima ameno da vila.

Muitos dos imigrantes que permaneceram na colônia se transformaram em cidadãos prósperos. Outras famílias alemãs que imigraram depois da primeira leva de colonos também se tornaram importantes em Nova Friburgo.

Meu antepassado João Erthal chegou ao Brasil em 29 de setembro de 1826, inicialmente permanecendo na capital como granadeiro e ferreiro do Arsenal de Guerra. Quatro anos mais tarde, juntou-se à família na colônia de Nova Friburgo, onde se casou com a suíça Catarina Wermelinger. Posteriormente, o casal adquiriu terras para o cultivo do café e se estabeleceu na região de Bom Jardim / RJ, deixando numerosa descendência, hoje na 7ª geração. A Associação João Erthal foi criada para manter viva a memória do patriarca, preservando e fortalecendo os laços familiares entre seus descendentes.

Referências:

- ERHAL, Rui. *A Colonização Suíça e Alemã em Nova Friburgo: a dispersão espacial dos colonos da Gleba Rural*. Niterói: Cândido, 2020.
- MELNIXENCO, Vanessa Cristina. *Nova Friburgo 200 anos – da memória do passado ao projeto de futuro*. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2018.
- SANGLARD, Pedro Elias. *As Famílias Erthal-Gradwohl – A Verdadeira Primeira Colônia Alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: In Media Res Editora, 2023.
- SCHLICHTORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é – 1824-1826*. Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros. Brasília: Senado Federal, 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/sf000060.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2024.

PONTE RIO-NITERÓI

HÁ 50 ANOS CONECTANDO HISTÓRIAS

Batizada de Ponte Presidente Costa e Silva (nome do chefe do Executivo Federal à época da aprovação do projeto), a via suspensa – que é marco da engenharia nacional – completou 50 anos. Era o trecho terrestre que faltava (km 321 ao km 334) da BR-101, maior rodovia longitudinal do país, que se estende de Touros (RN) a São José do Norte (RS). Antes de sua construção, havia duas formas de realizar o deslocamento de um lado para o outro da Baía de Guanabara: atravessando as águas com as antigas balsas ou barcas, que transportavam passageiros e também veículos de passeio e de carga, ou pelo interior do estado, passando pela atual cidade de Magé (RJ) – hoje BR-116 e BR-493.

A ideia de um elo fixo e permanente conectando Niterói – antiga capital fluminense (de 1834 a 1894 e de 1903 a 1975) – e o Rio de Janeiro – capital brasileira de 1763 até 1960 – data de pelo menos cem anos antes da construção da ponte, quando a margem leste ainda se chamava Vila Real da Praia Grande. A preferência dos governantes – que perdurou até meados da década de 1960 – era por um túnel subaquático, por questões de “segurança militar”.

De 1835 até meados do século XX, a travessia aquática ficou a cargo da iniciativa privada, inclusive de capital estrangeiro. Já o contorno da baía, em carros de boi ou carroças, totalizava um trajeto de mais de 100 quilômetros

e duas horas de viagem, o que incluía estradas de barro e pontes improvisadas sobre terrenos alagadiços. Tempo e segurança já eram fatores primordiais para a lucratividade dos comerciantes desde aquela época: era preciso sempre decidir entre um caminho rápido com alto risco pelo mar ou muito demorado com baixo risco por terra.

Em 1876, D. Pedro II se encantou com o projeto de túnel Calabouço-Gragoatá desenhado pelo engenheiro irlandês Hamilton Lindsay-Bucknall, e concedeu-lhe licença mediante decreto. Bucknall viajou várias vezes à Inglaterra para negociar investimentos, porém sem sucesso devido ao alto custo do empreendimento.

O sonho acabou adiado por aproximadamente 50 anos, período em que vários projetos foram elaborados por arquitetos brasileiros e estrangeiros, mas não havia tecnologia nem verbas ou profissionais especializados. Em simultâneo, outros projetistas apresentaram planos de pontes, todavia sem interesse governamental, dentre eles o do arquiteto francês Léon d'Escoffier Vendôme, que fez em 1946 um projeto colossal de concreto armado com vários andares de lojas, restaurantes, cineteatros, áreas de lazer, apartamentos, garagens e metrô. Estupendo e inviável.

Foi quando a população se insuflou contra o sistema de transporte aquaviário, administrado pela empresa Barreto, em um violento levante popular no dia 22 de maio de 1959, conhecido como Revolta das Barcas. As queixas eram de frota insuficiente, superlotação, atrasos e tarifa cada vez mais alta. Não raro, ocorriam graves acidentes com vítimas fatais. Ao mesmo tempo, era nítido o enriquecimento da família Carretero, dona da concessionária. A manifestação resultou na depredação e no incêndio tanto das estações de barcas do Centro e do Gragoatá, quanto da residência dos Carretero na Alameda São Boaventura e de outras propriedades da família,



Irma Lasmar Sirieiro

Instituto Histórico e Geográfico de Niterói

além de seis mortos e 118 feridos e a intervenção federal e estatização do serviço.

O fato marcou a história fluminense e acelerou a retomada da prioridade de ligação alternativa entre o Rio e Niterói. No mesmo ano, a União abriu uma nova licitação para a construção e a exploração de um túnel, vencida pela companhia portenha Sailav, mas, devido à sua pouca experiência em obras do tipo e a imprecisão das fontes de recursos para financiamento, a concorrência foi anulada. Nesta mesma época, dois projetos de pontes pênseis foram apresentados ao Governo Federal, dos engenheiros Cornélio Cezar Hauer e Luís de Mello Marques, que também propuseram ligar o Calabouço ao Gragoatá sobre o mar, em um traçado descartado pelos governantes devido à interferência na rota aérea do aeroporto Santos Dumont.

Diante da enorme pressão popular por uma solução concreta, os governantes se renderam à ideia de construção de uma ponte, que, enfim, virou prioridade federal. Em 1967, após licitação internacional, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) aprovou o anteprojeto de Antonio Alves de Noronha Filho, Benjamin Ernani Diaz e a empresa Howard, Needles, Tammen & Bergendoff International Inc., e fechou contrato com o consórcio formado por estes mais a Eletroprojetos Consultores Técnicos e a Wilbur Smith and Associates Inc. para a



Construção da Ponte Rio-Niterói, 1971.

Fonte: Fundo documental - Agência Nacional

elaboração do projeto final detalhado.

Cumprindo todos os requisitos, venceu o Consórcio Construtor Rio-Niterói (CCRN), composto pela Companhia Construtora Brasileira de Estradas, a Servix Engenharia S.A., a Construtora Ferraz Cavalcanti S.A. e a Melhoramentos e Construção (Emec) S.A. Responsável pela parte de concreto, o grupo assinou contrato com o DNER, o qual já havia contratado firmas inglesas para a superestrutura em aço do vão central, em



contrapartida ao empréstimo de 18 milhões de dólares obtido junto a bancos britânicos. Por isso, o Brasil recebeu a presença da rainha Elizabeth II e seu marido, príncipe Phillip, que vieram lançar a pedra fundamental em novembro de 1968. O financiamento estrangeiro seria devolvido por meio da cobrança de pedágio nos 10 primeiros anos de operação da via.

Em janeiro de 1969, teve início a construção, da Ponta do Caju à Avenida Feliciano Sodré, norteado principalmente pela pouca interferência com as rotas marítima e aérea da região. A construção ocorreu simultaneamente em ambos os sentidos, culminando no vão central – último trecho a ser encaixado e ponto mais alto e mais largo entre os pilares, para a passagem das embarcações maiores. Seus 72 metros acima do nível do mar obedecem aos padrões mínimo e máximo exigidos respectivamente pela Marinha e pela Aeronáutica.

No entanto, um ano e meio anos depois de iniciada a obra, o CCRN já havia consumido 70% da verba e concluído apenas 20% do projeto. A empresa teve dificuldade em perfurar as rochas no fundo da baía. Desta forma, o então presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, entregou a concessão ao segundo colocado na concorrência: o Consórcio Construtor Guanabara Ltda. (CCGL), composto pelas construtoras Camargo Corrêa S.A., Mendes Jr. S.A. e Rabello S.A.

O ministro dos Transportes da época, Mário

Andreazza, que acompanhou os trabalhos desde a assinatura do contrato, mudou-se com a família para uma casa construída no canteiro de obras montado na Ilha do Fundão. O local oferecia alojamento para 2.500 pessoas, destinado a operários e engenheiros. Andreazza fez uma travessia-teste, em 15 de janeiro de 1974, com um jipe Candango. Dias antes da inauguração, a Ponte foi submetida a provas de carga estática, por meio de 18 caminhões de brita, cada um pesando 21 toneladas. A obra durou 5 anos e 2 meses, envolvendo 10 mil operários e 200 engenheiros.

Às 9h do dia 4 de março de 1974, o presidente Médici, ao lado do ministro Andreazza, cortou a fita inaugural verde e amarela posicionada na entrada de uma das rampas de acesso, no Rio, seguido da viagem inaugural com o Rolls-Royce presidencial. O trânsito só foi aberto ao público às 6h do dia seguinte. Na ocasião, a Ponte Rio-Niterói era a 5ª maior via suspensa do mundo; hoje é a 27ª, em um ranking onde a China ocupa as cinco primeiras posições. Com 13.3 km de extensão, ainda é a maior do hemisfério sul. Seu valor atualizado gira hoje em torno de US\$ 80 bilhões.

Vinte e um anos depois, houve a necessidade de concessão da gestão da via à iniciativa privada, entregue primeiro à Ponte S.A./CCR Ponte e em 2015 à Ecoponte –, visto que a malha rodoviária crescia substancialmente. A Ponte Presidente Costa e Silva foi a primeira rodovia do país a ter sua administração terceirizada.

*Vista panorâmica da Ponte Rio-Niterói, Brasil.
Fonte: Wikipedia*



A UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Língua Portuguesa foi excluída em sete dos oito editais do atual Concurso Nacional Unificado, considerado o Enem dos concursos públicos, o maior da história, em todo o país.

Essa omissão vem anunciar a falta de conscientização da noção de pátria no Brasil, assegurada no Capítulo III – Da Nacionalidade – da nossa Constituição, que diz em seu Art. 13: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”.

Ouvi o senador Omar Azis declarar, ao final dos trabalhos de uma CPI que presidiu, sendo ele amazonense, a importância da unidade da Língua Portuguesa, falada em todo o território brasileiro, de extensão continental, e o mais importante elo de integração do povo, de norte a sul: poucos países conseguiram isso.

Hoje, no entanto, até o terceiro ano fundamental, geralmente é baixo o grau de desempenho escolar nas instituições públicas do país, em que a maioria dos alunos ainda não consegue ler, escrever e contar suficientemente. Está havendo muita dispersão curricular, e são necessários cuidados para manter-se conservado o cerne da língua, herança da colonização portuguesa.

O Português do Brasil não possui dialetos, apenas tendências dialetais, cujas diferenças, geralmente vindas do falar descuidado do brasileiro, não têm concorrido ainda para o surgimento de uma língua que se possa denominar brasileira, felizmente.

O professor José Oiticica, ilustre professor de Português do Colégio Pedro II, declarou certa vez, quando deu aulas em Niterói, que, em nome da língua oficial do país, ofereceu-se, gratuitamente, junto à Prefeitura do Rio de Janeiro, para um trabalho de revisão dos pedidos de registros de nomes e frases nos estabelecimentos comerciais, em cartazes de rua, em painéis de propaganda. O pedido foi rejeitado.

Sabe-se que o modo de falar ou escrever, fora dos padrões oficiais, se generaliza, e hoje, as incorreções gramaticais passam a fazer parte das gramáticas, como desvios ou transgressões. Ouve-se até, com frequência, a justificativa: “O importante é ser feliz”.

Vamos, então, ser felizes, amando e respeitando a nossa língua, como patrimônio imaterial do povo. Para melhor expressão do pensamento e do sentimento do brasileiro, transformações surgem, distintas do português europeu. Tudo muda muito atualmente, e até o tão falado aquecimento global tem passado agora a ser chamado de ebulição global.



Um dos modos bem característicos do falar nacional é o uso do gerúndio, que, de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, é forma nominal do verbo, e se constitui acrescentando-se, ao tema verbal, a desinência -ndo, segundo a vogal temática de cada conjugação. Assim: cantar, 1ª conjugação, gerúndio cantando; escrever, 2ª conjugação, gerúndio escrevendo; curtir, 3ª conjugação, gerúndio curtindo.

O brasileiro prefere usar o gerúndio, na conjugação progressiva, e diz estou andando, estou escrevendo, estou partindo. Um português

diria, de acordo com seu modo de falar: estou a andar, estou a escrever, estou a partir, na forma do infinitivo precedido de preposição: a andar, a escrever, a partir. Ambas as formas são válidas, quer com o gerúndio, quer com o infinitivo, e o que faz a diferença é o uso.

A conjugação progressiva se forma com vários verbos auxiliares. Cito alguns, além de estar, o mais comum deles – ir, vir, passar, andar, viver – como nos exemplos: vai vivendo (a viver) como pode; venho observando (a observar) seu filho; passou correndo (a correr) pelo portão; ando caindo (a cair) de cansado; vive estudando (a estudar) matemática.

Acontece que o -r, desinência do infinitivo, é consoante constrictiva vibrante alveolar, e é articulado, pelos que falam o Português de Portugal, como r roulé, em movimento vibratório forte, direcionado aos alvéolos, onde se fixam os dentes.

No caso brasileiro, a construção gerundial, muito expressiva, vem perdendo força, pois a desinência -ndo, que a caracteriza, vem engolida, na fala do brasileiro.

Houve até um quadro do programa humorístico *Zorra Total*, em que a atriz usava um bordão que mostrava bem essa pronúncia viciosa. Ela terminava suas falas dizendo: – “Tô pagano!” por – Estou pagando!

A Língua Portuguesa segue, então, livre e solta, caminhando por essas ridículas contrações e simplificações.





QUEBRA-CABEÇA

Estou armando um quebra-cabeça
pedaços de amor,
de felicidade,
de alegria.
Recortes de sonhos,
de ilusões.
Fragmentos
de desamor,
de desventura,
de saudade.

Acabo de montar
esse quebra-cabeça.
Entre surpresa e admirada,
encontro o retrato da vida.



Leda Mendes Jorge
ABROL Estado do Rio de Janeiro
Rotary Club de Niterói-Norte

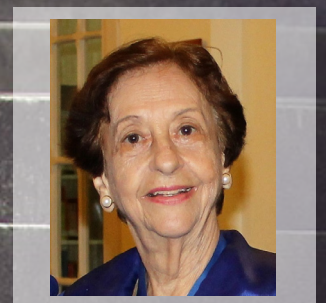
QUANDO VIRÁ A PAZ?

Tivesse eu o poder, não haveria guerra,
causa destruição e muita dor espalha.
Somente a paz constrói e faz feliz a Terra:
a flor deve enfeitar o lar, não a mortalha!

Amor – elo supremo, ao conduzir não erra,
leva à fraternidade, é um manto que agasa-
lha,
com laços de união o ser humano encerra,
porque somente o bem destrói qualquer mu-
ralha.

A tolerância e a paz junto à fraternidade
serão força motriz e luz da humanidade,
por certo, tornarão o homem bem mais feliz!

Quando isso acontecer, será a perfeição,
no mundo acabarão a fome e a ambição
e brilhará a paz do jeito que Deus quis!

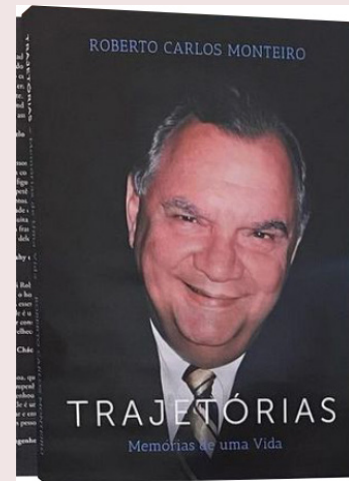


Alba Helena Corrêa

Academia Brasileira de Literatura de Cordel

Trajetórias – Memórias de uma Vida

O Acadêmico Roberto Carlos Monteiro reuniu suas recordações e depoimentos de familiares para contar a história de 88 anos de vida, relatando realizações no campo pessoal, profissional – como engenheiro eletricista, com atuação destacada na Companhia Hidroelétrica do São Francisco – e no serviço rotário – como fundador do Rotary Club Niterói-Icaraí e governador do Distrito 4750.



Os Crimes de Nova Esperança

O romance policial do Acadêmico Ricardo Fonseca de Pinho, protagonizado por um policial frustrado que retorna para a cidade natal em busca de uma vida mais sossegada, mas acaba voltando a enfrentar a corrupção do sistema na investigação de uma série de crimes, foi classificado pela Revista Rolling Stone Brasil na lista dos dez melhores suspenses literários do momento.



Mulheres Extraordinárias e A Lei das Sete Partidas

Uma das participantes da coletânea *Mulheres Extraordinárias (vol. III)*, lançada pela Academia Brasileira de Médicos Escritores, com organização de Dyandrea Valverde Portugal e coordenação de Ana Maria Tourinho, a Acadêmica Matilde Slaibi Conti, atual presidente da Federação Elos Internacional da Comunidade Lusíada, acaba de lançar, também, o livro *A Lei das Sete Partidas – Aspectos Históricos, Jurídicos e Sociais*, resultado de pesquisa inspirada pela Oração Elista, de Eduardo Dias Coelho, no qual traçou paralelos entre o texto da oração e as normas adotadas pelos juízes de Portugal reunidas na Lei das Sete Partidas, célebre código ditado por Dom Afonso, o sábio, durante seu reinado em Castela (1252-1284).





Academia Brasileira Rotária de Letras

Seção do Estado do Rio de Janeiro



CADEIRA Nº 1

Patrono: Paul Percy Harris (Fundador RI)
Fundador: Themístocles Américo Caldas Pinho

CADEIRA Nº 2

Patrona: Jean Thompson Harris (Honorária)

CADEIRA Nº 3

Patrono: Silvester Schiele (Fundador RI)
Fundador: Aroldo Gonçalves Pereira

CADEIRA Nº 4

Patrono: Hiram Shorey (Fundador RI)
Fundador: Márcia Carestiato Sancho

CADEIRA Nº 5

Patrono: Chesley Perry (Fundador RI)
Fundador: Odilza Vital Fill

CADEIRA Nº 6

Patrono: Herbert J. Taylor (Prova Quádrupla)
Fundador: José França Conti
Membro atual: Marcelo Les Campos

CADEIRA Nº 7

Patrono: Arch Klumph (Fundação Rotária)
Fundador: Flávio Zárte Chabluk

CADEIRA Nº 8

Patrono: Armando de Arruda Pereira (Presidente RI)
Fundador: Phabricio Petraglia (renúncia)
Membro Atual: vaga

CADEIRA Nº 9

Patrono: Ernesto Imbassahy de Mello (Presidente RI)
Fundador: Waldenir de Bragança

CADEIRA Nº 10

Patrono: Acácia Brazil de Mello (Presidente Casa Amizade Niterói 1948-49)
Fundador: Carla de Mello Vorsatz (renúncia)
Membro Atual: Lícia Lucas

CADEIRA Nº 11

Patrono: Paulo Viriato Corrêa da Costa (Presidente RI)

CADEIRA Nº 12

Patrono: Levi Fernandes Carneiro (Rotariano de

Niterói, fundador da OAB)

Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA Nº 13

Patrono: Almir Brandão Maciel (EGD 1940-41 RC Campos)

CADEIRA Nº 14

Patrono: Plínio Leite (EGD 1941-42 RC Petrópolis)
Fundador: Daniella Vita Carbutti Gomes

CADEIRA Nº 15

Patrono: Moacyr Junqueira (EGD 1953-54 RC Miracema)

CADEIRA Nº 16

Patrono: José Reddo Cid (EGD 1955-56 RC Niterói)
Fundador: Dalton Carestiato

CADEIRA Nº 17

Patrono: José Lavaquial Biosca (EGD 1957-58 RC Santo Antônio de Pádua)
Fundador: Joel Pereira de Souza

CADEIRA Nº 18

Patrono: Arthur Dalmasso (EGD 1964-65 RC Teresópolis)
Fundador: Neuza Biolchini

CADEIRA Nº 19

Patrono: Santiago Carvalhido Filho (EGD 1967-68 RC Campos)
Fundador: Nylson Macedo

CADEIRA Nº 20

Patrono: Osmar da Silva Araújo (EGD 1978-79 RC Niterói)

CADEIRA Nº 21

Patrono: Andral Nunes Tavares (EGD 1979-80 RC Campos)
Fundador: Roberto Carlos Monteiro

CADEIRA Nº 22

Patrono: Elysette de Oliveira Moralles (EGD 1982- 83 RC São Gonçalo)



CADEIRA Nº 23

Patrono: José Danir Siqueira do Nascimento (EGD 1985-86 RC Niterói)

Fundador: Justiniano Conhasca

CADEIRA Nº 24

Patrono: Francisco Paes Filho (EGD 1986-87 RC Campos)

Fundador: Gilson Miguel de Bessa Menezes

CADEIRA Nº 25

Patrono: Juarez Santos Silva (EGD 1988-89 RC São Fidélis)

CADEIRA Nº 26

Patrono: Flávio de Mattos (EGD 1989-90 RC São Gonçalo)

Fundador: Miguel Mendonça Pinheiro

CADEIRA Nº 27

Patrono: Ubirayr Ferreira Vaz (EGD 1991-92 RC Niterói-Norte)

CADEIRA Nº 28

Patrono: Helson Batista de Souza (EGD 1992-93 RC Campos São Salvador)

Fundador: Francisco Tomaz Espinosa Oliveira

CADEIRA Nº 29

Patrono: Jorge Manuel Ramalho Monteiro (EGD 1997-87 RC Maricá)

Fundador: Luiz Oscar Valadão Spitz

CADEIRA Nº 30

Patrono: Renato Figueiredo de Oliveira (EGD 2000-01RC Cabo Frio)

Fundador: Antônio Baptista Filho

CADEIRA Nº 31

Patrono: Joel Coelho dos Santos (EGD 2004-05 RC Niterói)

Fundador: Ricardo Fonseca de Pinho

CADEIRA Nº 32

Patrono: Joel Rodrigues Teixeira (EGD 2006-07 RC Niterói Pendotiba)

CADEIRA Nº 33

Patrono: Horácio Pacheco (RC Niterói-Norte)

Fundador: Angela Maria Riccomi de Paula (renúncia)
Membro Atual: vaga

CADEIRA Nº 34

Patrono: Carlos Tortelly Rodrigues da Costa (Honorário RC Niterói-Norte)

CADEIRA Nº 35

Patrono: Diléa Rodrigues Pereira do Nascimento (Presidente Casa Amizade Niterói 1973-74 / 2003- 04)

Fundador: Roseni Kurányi

CADEIRA Nº 36

Patrona: Margarida Lima (Presidente Casa Amizade Niterói 1951-52 / 1958-59 / 1972-73)

CADEIRA Nº 37

Patrono: Orlando Graneiro (RC Niterói)

CADEIRA Nº 38

Patrona: Dilma Nascimento Graneiro (Presidente Casa Amizade Niterói 1992-93 / 2014-15)

CADEIRA Nº 39

Patrono: Ary Rodrigues Ornellas (RC Niterói)

CADEIRA Nº 40

Patrono: Augusto de Moraes Bittencourt (RC Niterói-Norte)

CADEIRA Nº 41

Patrono: Padre Humberto Lindlauf (Honorário RC Itaperuna)

Fundador: Luiz Leite Araújo

CADEIRA Nº 42

Patrono: Édio Muniz de Andrade (RC Maricá)

Fundador: Leda Mendes Jorge

CADEIRA Nº 43

Patrono: Luiz Agostinho Carvalho Perrerrraz (RC Niterói-Norte, escritor)

Fundador: Ângela Cristina Ferreira de Siqueira

CADEIRA Nº 44

Patrono: José Lobo Bessa (RC Niterói, escritor)

CADEIRA Nº 45

Patrono: Manuel Machado (RC Niterói-Norte, ajudou no projeto da Casa da Amizade)

CADEIRA Nº 46

Patrono: Roberto Macieira (RC Niterói-Norte, ajudou a construir Casa da Amizade Niterói)

Fundador: Marne Serrano Caldera

CADEIRA Nº 47

Patrono: Alfredo Nieva (RC Niterói-Norte, ajudou no projeto da Casa da Amizade)

CADEIRA Nº 48

Patrono: Hipólito Sérgio Ferreira (ex-Diretor de RI)

Fundador: Aristeu Pessanha Gonçalves

CADEIRA Nº 49

Patrono: Archimedes Theodoro (presidente Comissão PólioPlus e Curador da Fundação Rotária)

Fundador: João Aylmer de Azevedo Souza

CADEIRA Nº 50

Patrono: Vaga



JUNTOS, NÓS

TRANSFORMAMOS

